

LITERATURA *MONOGATARI* DA ÉPOCA HEIAN – O NASCIMENTO DA NARRATIVA “FICCIONAL”¹

Luiza Nana Yoshida
FFLCH/USP

Resumo: O florescimento da literatura *monogatari* da Época Heian marca o surgimento da narrativa japonesa escrita em *kana*, e marca também o início da ficção com o aparecimento de narrativas que buscam retratar aspectos da sociedade de Heian. *Taketori Monogatari*, considerado “o ancestral” das narrativas *monogatari*, é a primeira narrativa em que já se estruturam situações baseadas na realidade da época, fazendo alusão à impossibilidade da fantasia.

Palavras-chaves: *monogatari*, literatura Heian, *Taketori Monogatari*, narrativas ficcionais, literatura clássica

Abstract: The flourishing of Heian period *monogatari* literature points to the appearance of Japanese narrative writing in *kana*, and to the upbringing of the fiction as narratives start and aim to represent aspects of Heian society. *Taketori Monogatari*, considered the *monogatari*'s “ancestor”, is the first narrative that indicates aspects of that time reality and alludes to the impossibility of the fantasy.

Keywords: *monogatari*, Heian literature, *Taketori Monogatari*, fictional narratives, Classical Literature.

Desenvolvimento da literatura em *kana* e a Literatura *Monogatari*

A introdução do ideograma chinês no Japão, por volta do século V, foi de fundamental importância para o desenvolvimento da literatura japonesa, que se

1. Entende-se por “ficcional” a “invenção” ou “imaginação” intencional em que se nota a presença de um processo de criação de um “autor”. A narrativa “ficcional” diferencia-se das narrativas tradicionais ou das narrativas de cunho fabuloso pelo fato de o “autor” buscar recriar aspectos do mundo em que vive.

rios Literários (*Nikki Bungaku*), as Narrativas Históricas (*Rekishi Monogatari*), os Escritos Ensaísticos (*Zuihitsu*), as Narrativas *Setсуwa* (*Setсуwa*), entre outras.

As damas da Corte, cuja atividade literária nessa época foi notória, legaram obras de importância fundamental dentro dos Diários Literários, Narrativas *Monogatari* e Escritos Ensaísticos, que podem ser representadas, respectivamente, por obras como *Kagerô Nikki* (*Diário das Efeméridas*), de Michitsunano Haha, *Genji Monogatari* (*A Narrativa de Genji*), de Murasaki Shikibu e *Makurano Sôshi* (*O Livro de Cabeceira*), de Sei Shônagon. As obras assim produzidas pelas damas deram origem ao que atualmente é denominada “Literatura das Damas da Corte” (*Nyôbô Bungaku*), que segundo Orikuchi Shinobu⁵ pode ser considerada a literatura representativa da Época Heian.

Literatura *Monogatari*

Na Época Nara (710-794), a palavra *monogatari* era ainda pouco utilizada, tornando-se mais freqüente o seu uso na Época Heian. Um dos poucos exemplos pode ser encontrado em *Man'yôshû*⁶.

Monogatari é um termo que possibilita diversas acepções, e em inglês, por exemplo, vem traduzido como *tale*, *story*, *narrative*, ou ainda, *romance*, *novel*, *fiction*. Etimologicamente é formado pelos termos *mono* e *katari*. *Mono*, de difícil definição, é originariamente associado a “algo misterioso” ou “entidade espiritual” que não podem ser explicados. Orikuchi Shinobu, por exemplo, destaca o fato de que, na Alta Antiguidade, o ideograma 鬼, *oni*, que significa “ogro”, possuía também a leitura “*mono*” e juntamente com termos como “*kami*” (divindade), “*tama*” (alma) era associado ao sentido de “espírito”

Ôno Susumu, em seu estudo sobre a evolução semântica do Japonês⁷ cita *mono* como o exemplo representativo daquele termo que originariamente indica algo concreto e passa a expressar um sentido abstrato e destaca as seguintes acepções:

- “objeto ou coisa” Ex.: “*Midorigono koinakugotoni toriatauru monoshi nakereba...*”, *Man'yôshû* 210 (Não tendo alguma coisa para dar ao bebê, quando ele chora...) – *mono* = objeto ou existência (objeto para dar ao bebê);

5. Orikuchi Shinobu (1887 – 1953) – poeta conhecido como Shakuchôkû, realizou pesquisas nas áreas de estudos folclóricos, Literatura Japonesa, estudos linguísticos.

6. Exemplo encontrado em *Man'yôshû*, tomo 7, 1287: “Aomizura / Yosamino harani / hitomo awanuka / iwa hashiru / Ômiagatano / *monogatarisemu*” (Nos campos de Yosami-Aomizura / será que encontraria alguém? / Gostaria tanto de falar sobre / Ômigata / e a água que corre sobre as pedras)

7. ÔNO, S. *Nihongo Sakanoboru*. Tokyo, Shinchôsha, 1975, pp. 28-35.

- “coisas ou leis imutáveis” Ex: “*Umarureba shinutoukotonni manogarenu mononishiareba...*”, *Man'yôshû* 460 (Como a morte é algo inevitável, desde o momento em que se nasce...)
- “existência inferior ao ser humano” – acepção relacionada ao sentido original de “objeto, coisa”, quando usado para pessoas, teria um sentido pejorativo como nos exemplos encontrados em *Genji Monogatari*: *shiremono* (“pessoa tola”), *warumono* (“pessoa inferior, imatura”), *namakemono* (“pessoa indolente”), entre outros.
- “existência intocável possuidor poderes sobrenaturais⁸” – “*Mononi osowaruru kokochishite...*”, *Genji Monogatari* – tomo “*Hahakigi*” (“Senti-me ameaçado por algo...”); “*Monono hengeme kite...*” *Genji Monogatari* – tomo “*Utsusemi*” (“Um ser sobrenatural chegou e...”).

Quanto ao significado de *katari*, trata-se de uma substantivação da forma verbal *kataru*. Embora haja também controvérsias quanto ao seu significado, tem o sentido geral de “relatar, persuadir através de palavras”⁹ *Monogatari*, portanto, poderia ter o sentido literal de “relato de coisas”, e conforme interpretação de Fujii (1991, pp.8-14), seria possível considerar as seguintes oposições: *monogatari / katari* e *monogatari / furukoto*¹⁰. Considerando-se *katari* (“relato”), como os “relatos oficiais tradicionais” *monogatari* teria o sentido de “relato menor ou não-oficiais”, e entendendo-se *furukoto*, (“tradições antigas”), como referente a “escritos míticos ou históricos”, *monogatari* faria referência a “escritos informais e livres”

Tal qual a acepção de *monogatari*, a Literatura *Monogatari* (*Monogatari Bungaku*) apresenta diversas conceituações de sentido mais geral ou específico encontradas em dicionários vernaculares ou especializados:

1. “obra literária em prosa que relata sobre pessoas e fatos, baseada nas experiências ou na imaginação do autor. No sentido restrito, refere-se às narrativas da Época Heian a Muromachi” (*Kôjien*¹¹);
2. “obra literária em prosa, escrita em *kana* e baseada na ficção, escrita entre a Época Heian e Muromachi. (...) Pode ainda abranger obras em cujo título possuem a palavra *monogatari*, e que conforme seu objeto,

8 Esta utilização de *mono* expressando tudo como existência ou coisa geral teve, segundo Ôno, uma função marcante na sociedade das damas da Corte de Heian. Elas eram encarregadas dos cuidados pessoais do imperador e *mono* era utilizado para denominar tudo que se referisse ao imperador: sua refeição, seus trajes, seus instrumentos musicais, suas palavras. Ex.: “*Mononado mairu*” (A “coisa”/refeição chegou.), “*Monono iro*” (a cor da “coisa”/vestimenta), “*Monono jôzu*” (Executa bem a “coisa”/música.)

9. FUJII, S. “Monogataritowa Nanika”. In: *Kokubungaku – Kaishakuto Kaishô*, 725. Tokyo, Shibundô, out./1991, p. 27.

10. Cf. FUJII, S. *Monogatari Riron Kôgi*. Tokyo, Tokyo Daigaku Shuppan, 2004.

11. SHINMURA, Izuru (Org.). *Kôjien*. Tokyo, Iwanami, 1995 (4ª. ed.), p. 2547.

- “coisas ou leis imutáveis” Ex: “*Umarureba shinutoukotoni manogarenu mononishiareba...*”, *Man’yôshû* 460 (Como a morte é algo inevitável, desde o momento em que se nasce...)
- “existência inferior ao ser humano” – acepção relacionada ao sentido original de “objeto, coisa”, quando usado para pessoas, teria um sentido pejorativo como nos exemplos encontrados em *Genji Monogatari*: *shiremono* (“pessoa tola”), *warumono* (“pessoa inferior, imatura”), *namakemono* (“pessoa indolente”), entre outros.
- “existência intocável possuidor poderes sobrenaturais⁸” – “*Mononi osowaruru kokochishite...*”, *Genji Monogatari* – tomo “*Hahakigi*” (“Senti-me ameaçado por algo...”); “*Monono hengeme kite...*”, *Genji Monogatari* – tomo “*Utsusemi*” (“Um ser sobrenatural chegou e...”).

Quanto ao significado de *katari*, trata-se de uma substantivação da forma verbal *kataru*. Embora haja também controvérsias quanto ao seu significado, tem o sentido geral de “relatar, persuadir através de palavras”⁹ *Monogatari*, portanto, poderia ter o sentido literal de “relato de coisas”, e conforme interpretação de Fujii (1991, pp.8-14), seria possível considerar as seguintes oposições: *monogatari / katari* e *monogatari / furukoto*¹⁰. Considerando-se *katari* (“relato”), como os “relatos oficiais tradicionais”, *monogatari* teria o sentido de “relato menor ou não-oficiais”, e entendendo-se *furukoto*, (“tradições antigas”), como referente a “escritos míticos ou históricos” *monogatari* faria referência a “escritos informais e livres”

Tal qual a acepção de *monogatari*, a Literatura *Monogatari* (*Monogatari Bungaku*) apresenta diversas conceituações de sentido mais geral ou específico encontradas em dicionários vernaculares ou especializados:

1. “obra literária em prosa que relata sobre pessoas e fatos, baseada nas experiências ou na imaginação do autor. No sentido restrito, refere-se às narrativas da Época Heian a Muromachi” (*Kôjien*¹¹);
2. “obra literária em prosa, escrita em *kana* e baseada na ficção, escrita entre a Época Heian e Muromachi. (...) Pode ainda abranger obras em cujo título possuem a palavra *monogatari*, e que conforme seu objeto,

8 Esta utilização de *mono* expressando tudo como existência ou coisa geral teve, segundo Ôno, uma função marcante na sociedade das damas da Corte de Heian. Elas eram encarregadas dos cuidados pessoais do imperador e *mono* era utilizado para denominar tudo que se referisse ao imperador: sua refeição, seus trajes, seus instrumentos musicais, suas palavras. Ex.: “*Mononado mairu*” (A “coisa”/refeição chegou.), “*Monono iro*” (a cor da “coisa”/vestimenta), “*Monono jôzu*” (Executa bem a “coisa”/música.)

9. FUJII, S. “Monogataritowa Nanika”. In: *Kokubungaku – Kaishakuto Kaishô*, 725. Tokyo, Shibundô, out./1991, p. 27.

10. Cf. FUJII, S. *Monogatari Riron Kôgi*. Tokyo, Tokyo Daigaku Shuppan, 2004.

11. SHINMURA, Izuru (Org.). *Kôjien*. Tokyo, Iwanami, 1995 (4ª. ed.), p. 2547.

tema, estilo ou época classificam-se em: a) narrativas extraordinárias (*denki monogatari*); b) narrativas centradas em poemas (*uta monogatari*); c) narrativas fictícias (*tsukuri monogatari*); d) narrativas históricas (*rekishi monogatari*); e) narrativas militares (*gunki monogatari*); f) narrativas *setsuwa* (*setsuwa monogatari*); g) narrativas pseudoclássicas¹² (*giko monogatari*), podendo ser incluídas até mesmo as coletâneas de *setsuwa* (*setsuwashû*), literatura de diário (*nikki bungaku*), coletânea de poemas (*utashû*) ou relatos (*katarimono*).” (*Nihon Koten Bungaku Daijiten*¹³);

3. “*monogatari* refere-se a histórias centradas em enredos fictícios, surgidas na Época Heian e que se desenvolveram até a Época Kamakura; eram chamadas também “narrativas fictícias” (*Koten Dokkai Jiten*¹⁴);

No sentido específico que será adotado no presente trabalho, *Literatura Monogatari* refere-se às primeiras narrativas de cunho fictício, surgidas na Época Heian e herdadas pela Época Kamakura, e escritas com a utilização do *hiragana*. Pode ser dividida em dois tipos: as narrativas *monogatari* (o *monogatari* propriamente dito), onde se incluem obras como *Taketori Monogatari* (*A Narrativa do Velho Cortador de Bambus*) e *Genji Monogatari* (*A Narrativa de Genji*), e narrativas centradas em poemas (*uta monogatari*) como *Ise Monogatari* (*As Narrativas de Ise*) e *Yamato Monogatari* (*As Narrativas de Yamato*). Em ambos, o poema detém uma importância muito grande, com a diferença de que, no primeiro tipo, o poema encontra-se inserido na narrativa, e no segundo, a narrativa constitui o relato a respeito do poema tratado.

A *Literatura Monogatari* apresenta as seguintes características principais:

1. diferentemente das primeiras crônicas históricas como *Kojiki* (*Registro de Fatos Antigos*, 712) e *Nihonshoki* (*Crônicas do Japão*, 720), as narrativas *monogatari* tratam de elementos baseados na imaginação;
2. grande parte das narrativas são de longa extensão, mas não são excludentes as narrativas breves de temas semelhantes que se encontram compiladas em coletâneas;

12. Devido ao sentido pejorativo do termo “pseudoclássico”, *giko monogatari* tem recebido outras designações como “narrativas do período Kamakura”, “ficção medieval” ou “narrativas medievais”. Cf. KANNOTO, Akio. “An Outline History of Narrative Tales and One Aspect of the Development of Early Narrative Tales”. In: *Acta Asiatica*, 83. Tokyo, The Tôhō Gakkai, 2002, p. 2.

13. NIHON KOTEN BUNGAU DAIJITEN HENSHŪ IINKAI (Org.). *Nihon Koten Bungaku Daijiten*, v. 6. Tokyo, Iwanami Shoten, 1985, p. 20.

14. SHIRAIISHI, Daiji e outros (Org.). *Koten Dokkai Jiten*. Tokyo, Tôkyôdô Shuppan, 1966 (19ª. ed.), p. 614.

3. mesmo quando baseadas em personagens ou relatos reais, estes são manipulados para a criação de um mundo imaginário;
4. o mundo das narrativas *monogatari* encontra-se centrado na sociedade da nobreza de Heian.

Principais obras

Taketori Monogatari 竹取物語 (*A Narrativa do Cortador de Bambus*, final do século IX – início do século X)

É considerada a mais antiga narrativa do gênero, sendo assim referida, inclusive, dentro da obra *Genji Monogatari*. Seu autor e a data exata de compilação não são conhecidos, mas foi provavelmente concluída entre o final do século IX e início do século X. O seu enredo é largamente conhecido, nos dias de hoje, como a narrativa de *Kaguyahime* (Princesa Kaguya). *Taketori Monogatari* combina tipologias das narrativas tradicionais antigas com os aspectos da vida da Corte de Heian.

Utsuho Monogatari 宇津保物語 (*A Narrativa da Toca de Árvore*, 970-985)

Herda o aspecto fantasioso de *Taketori Monogatari*, mas apresenta também aspectos da sociedade da nobreza de Heian. Narra sobre a arte secreta da execução de *kin* (tipo de cítara chinesa) que é transmitida a Kiyoharano Toshikage por um eremita imortal. Toshikage transmite-a ao neto Nakatada, que, juntamente com sua mãe, passa sua infância na toca de uma árvore. A narrativa trabalha com o mundo da realidade e o da imaginação: a primeira parte da narrativa apresenta fortes elementos fantasiosos, passando, na segunda parte, para uma abordagem realista da sociedade cortesã de Heian, com descrições minuciosas sobre os eventos anuais da época. Compõe-se de 20 tomos e a sua autoria é desconhecida.

Ochikubo Monogatari 落窪物語 (*A Narrativa do “Aposento Rebaixado”*, final do século X)

Autor e época de compilação são desconhecidos. Possui quatro tomos e a narrativa traz o tema da madrasta malvada, onde a jovem Ochikubono Kimi, filha de um nobre, sofre maus-tratos e mora num quarto afastado denominado Ochikubo (“Aposento Rebaixado”). Com a ajuda da serviçal, consegue se casar e viver feliz ao lado do marido que se encarrega de castigar a madrasta.

Genji Monogatari 源氏物語 (*A Narrativa de Genji*, por volta de 1008)

A narrativa possui 54 tomos e pode ser dividida em três partes: a primeira e a segunda narram a existência de Hikaru Genji, nascido príncipe imperial, mas posteriormente rebaixado à condição de súdito, que se destacava, pela beleza,

inteligência e sensibilidade incomparáveis. Na terceira parte, os protagonistas são Kaoru e Niouno Miya, respectivamente filho e neto de Genji. A autora Murasaki Shikibu, dama da Corte da imperatriz Shôshi, trata de questões existenciais, religiosas ou filosóficas da nobreza de Heian através dos vários relacionamentos amorosos de Genji e seus descendentes.

Sagoromo Monogatari 狭衣物語 (*A Narrativa de Sagoromo*, por volta de 1065)

A provável autoria é atribuída a Rokujô Saiin Senji (filha de Minamoto Yorikuni), dama da Corte que serviu à princesa Baishi Naishinnô. Centrado no amor trágico entre o Capitão Sagoromo, sobrinho do imperador Saga e Genjino Miya, descreve também sua vida amorosa e sofrimentos com outras mulheres.

Hamamatsu Chûnagon Monogatari 浜松中納言物語 (*A Narrativa do Médio Conselheiro Hamamatsu*, por volta de 1055)

É conhecido também por *Mitsuno Hamamatsu*. O Médio Conselheiro viaja para Tang, onde se casa e retorna ao país com o filho, tendo, posteriormente, relações com uma jovem de Yoshino. Tende a apresentar um aspecto religioso, e extrapolando a simples descrição da vida na Corte, retoma fortemente os elementos imaginários, místicos e religiosos.

Yoruno Nezame 夜の寝覚 (*Despertar noturno*, por volta de 1057)

A autoria é atribuída a Sugawarano Takasueno Musume (filha de Sugawarano Takasue), autora de *Sarashina Nikki* (*Diário de Sarashina*). Narra o intrincado relacionamento entre Nakano Kimi e o Médio Conselheiro, noivo de sua irmã. Destaca-se pela riqueza da descrição psicológica e faz uma interpretação fatalista da existência humana.

Tsutsumi Chûnagon Monogatari 堤中納言物語 (*As Narrativas do Médio Conselheiro Tsutsumi*, provavelmente entre 1053-1058)

Trata-se de uma das únicas coletâneas que reúne 10 narrativas breves. A narrativa “*Ôsaka Koenu Gonchûnagon*” (O Médio Conselheiro em Exercício que Não Ultrapassa os Limites do Relacionamento Amoroso) é atribuída a Koshikibu que a teria apresentada numa competição de narrativas (*monogatari awase*) realizada em 1055, mas as nove outras são de autoria desconhecida. As narrativas referem-se a pessoas e fatos que se destacam pela sua peculiaridade, e não são poucas as de cunho cômico. Destaca-se por uma atitude de inovação que se diferencia das narrativas de até então.

Torikaebaya Monogatari とりかえばや物語 (*A Narrativa da “Troca”*, posterior a 1055)

Enquanto as duas obras anteriores enfatizam os aspectos psicológicos ou religiosos, esta obra destaca-se pela originalidade do enredo, enfocando o tema da troca de sexos. Pode ser considerada uma das produções da fase final da Literatura *Monogatari*. O Alto Conselheiro em Exercício possuía um filho e uma filha, meio-irmãos, cujos sexos pareciam ter sido trocados. Os pais desejavam que “se realizasse a troca” (*torikaebaya*), de onde se origina o título. A irmã cresce como se fosse menino e o irmão, uma menina, mas posteriormente, cada um toma consciência de suas características originais e ambos realizam um casamento feliz.

Dentre as narrativas centradas em poemas, destacam-se:

Ise Monogatari 伊勢物語 (*As Narrativas de Ise*, meados do século X)

Obra escrita praticamente na mesma época de *Taketori Monogatari*. Parece estar baseada na antologia de Ariwarano Narihira (825-880), mas seu autor é desconhecido. Possui cerca de 120 narrativas que descrevem o processo de criação dos poemas ali inseridos, e cada uma das narrativas é introduzida através da expressão “*Mukashi otoko arikeri*” (“Antigamente, havia um homem”) ou expressão equivalente. Inicia-se com a maioria de “certo homem” e termina com o episódio da composição de um poema diante da morte iminente, e as narrativas intermediárias não apresentam uma seqüência sistematizada. Cada narrativa pode ser lida independentemente, mas no seu todo, encontra-se estruturado como se apresentasse a existência de um “certo nobre”, que lembra nitidamente a figura de Ariwarano Narihira. O seu conteúdo enfoca principalmente os casos amorosos, mas outros temas como episódios de viagem, relações familiares ou de amizade também estão presentes.

Yamato Monogatari 大和物語 (*As Narrativas de Yamato*, por volta de 951)

Segue a linha de *Ise Monogatari* e reúne pouco mais de 170 narrativas, cada uma com um protagonista diverso. Não se conhece o autor ou a época exata de compilação. Grande parte das narrativas compõe-se apenas de poemas acompanhadas de breve prefácio (*kotobagaki*) explicando as circunstâncias da composição, mas há episódios como *Narrativa do Rio Ikutagawa* (*Ikugatawano Monogatari*) ou *Narrativa de Ashikari* (*Ashikarino Monogatari*) que tomam a forma de narrativas breves. *Narrativa do Rio Ikutagawa*, episódio de número 147, narra o caso de uma jovem cortejada por dois pretendentes e que, na angústia da escolha, acaba jogando-se no rio Ikutagawa, sendo seguida pelos dois apaixonados. *Narrativa de Ashikari*, episódio de número 143, relata o episódio de um casal que se vê obrigado a separar-se pelas circunstâncias adversas da vida. Quando se reencontram, a mulher tornara-se esposa de um nobre e o marido, um pobre cortador de junco, foge envergonhado.

Heijû (Heichû) Monogatari 平中物語 (*A Narrativa de Heijû*, entre 959 ~ 965)

De autoria desconhecida, a obra reúne 39 narrativas (havendo versões que consideram também 38 ou 40 narrativas) relativas a Heijû, através de seus casos amorosos, suas amizades, suas atividades poéticas. Assim como em *Ise Monogatari*, as narrativas fazem referência a um “homem” (o nome Heijû só aparece citado em duas ocasiões), e acham-se interligadas através de variações como “novamente este homem”, “o mesmo homem”, “novamente este mesmo homem” em alusão à figura de Tairano Sadafumi (ou Sadafun), cujos poemas estão presentes em várias narrativas.

***Taketori Monogatari* – Os primórdios da narrativa “ficcional”**

No tomo *Eawase* (Competição de Pinturas), da obra *Genji Monogatari*, *Taketori Monogatari* é citada como o “ancestral das narrativas *monogatari*”, compreendendo-se que, na época de *Genji Monogatari*, ela já era uma obra difundida e reconhecida pelas suas características que se diferenciavam das crônicas históricas ou míticas do período, ainda escritas em estilo chinês. *Taketori Monogatari* é uma narrativa escrita em silabário *kana* e, mesmo apresentando procedimentos fantasiosos, especialmente evidentes na parte introdutória, quando o velho encontra o ser minúsculo no interior do bambu, e na parte final, quando Kaguyahime retorna à Lua, apresenta características que a aproximam da realidade da Época Heian.

Taketori Monogatari é constituída por três grandes pilares:

1. o Velho Cortador de Bambus encontra Kaguyahime no interior de um bambu e ela se torna uma bela jovem;
2. cinco nobres a cortejam incansavelmente, mas nenhum deles consegue cumprir as tarefas impostas para poder desposá-la;
3. Kaguyahime recusa até mesmo a proposta do imperador e retorna à Lua, numa noite de lua cheia.

Cada uma dessas partes pode ser subdividida¹⁵ como segue:

Parte 1 - O velho cortador de bambu e Kaguyahime

- a. Apresentação do velho cortador de bambu e o nascimento de Kaguyahime
- b. A disputa para casar-se com Kaguyahime

Parte 2 – Kaguyahime e os cinco pretendentes

- a. Os cinco nobres e o Príncipe Ishitsukuri, o primeiro pretendente
 - a desistência da maioria e a determinação dos cinco pretendentes
 - a proposição de provas para os cinco pretendentes

15. Baseado na divisão de KATAGIRI, Yôichi e outros. *Taketori Monogatari – Ise Monogatari – Yamato Monogatari – Heijû Monogatari*. Tokyo, Shôgakkan, Coleção Nihon Koten Bungaku Zenshû 8, 1972.

- Príncipe Ishitsukuri e a vasilha de Buda
- b. Príncipe Kuramochi e o galho precioso de Hôrai
 - o plano ardiloso do Príncipe Kuramochi
 - relato falso do Príncipe Kuramochi
 - a mentira delatada pelos artesãos
- c. Ministro da Direita Abeno Miushi e a veste antichama de pele do “rato-fogo”
 - a compra da veste antichama
 - a veste antichama vira cinzas
- d. Alto Conselheiro Ôtomono Miyuki e a gema do pescoço do dragão
 - o fracasso dos homens do Conselheiro Ôtomo que saem em busca da gema
 - as agruras marítimas do Alto Conselheiro Ôtomo que sai em busca da gema
 - o Alto Conselheiro desiste de Kaguyahime e perdoa seus homens
- e. Médio Conselheiro Isonokamino Marotari e a “concha da andorinha”
 - planos para conseguir a “concha da andorinha”
 - o malogro do Médio Conselheiro que busca ele próprio pegar a concha

Parte 3 – Após recusar a proposta matrimonial do imperador, Kaguyahime retorna ao mundo celestial

- os convites do imperador para que Kaguyahime o visite
- a pretexto de ir à caça, o imperador vai conhecer Kaguyahime
- a troca de poemas entre o imperador e Kaguyahime
- a tristeza de Kaguyahime, contemplando a lua
- o imperador envia mensageiro para confirmar a partida de Kaguyahime
- o imperador envia soldados para proteger Kaguyahime
- a comitiva celestial e a partida de Kaguyahime
- o imperador, condoído com a partida de Kaguyahime, queima a poção da vida eterna

Em *Taketori Monogatari* podem ser vistos claramente diversas tipologias narrativas da tradição antiga:

- “Histórias sobre Nascimento Miraculoso” (*Ijô Shusseitan*): nascimento de Kaguyahime do interior de um bambu;
- “Histórias sobre Crescimento Vertiginoso” (*Kyûseichôtan*): Kaguyahime torna-se adulta em três meses;
- “Histórias de Enriquecimento” (*Chifutan*): enriquecimento do Velho Cortador de Bambus, após a chegada de Kaguyahime;
- “Histórias das Tarefas Difíceis” (*Nandaitan*): os cinco pretendentes que precisam passar por provas para casarem-se com Kaguyahime;

- “Histórias de Esposas Celestiais¹⁶” (*Tennin Nyôbotan*): o retorno de Kaguyahime à Lua.

A relação entre as “Histórias de Esposas Celestiais” e a figura do “Velho Cortador de Bambus” (Takeorino Okina) é antiga, podendo já ser encontrada em *Man'yôshû*, tomo 16, 3791-3802, na troca de poemas entre o velhinho e as jovens¹⁷, e versões simplificadas de *Takeori Monogatari* podem ser encontradas em obras como *Konjaku Monogatari* (Coletânea de Narrativas do “Agora é Passado”) ¹⁸, *Kaidôki* (Viagem pela Estrada Tôkaidô)¹⁹ ou *Kokin Wakashû Jo Kikigaki* (Notas Comentadas sobre *Kokin Wakashû*)²⁰, destacando sua forte tradição oral. *Takeori Monogatari*, no entanto, não se constitui uma coletânea de tipologias narrativas em seu estado original, pois embora esteja alicerçada sobre a tradição oral, apresenta características próprias que a diferenciam dos gêneros existentes, retratando, conforme referido anteriormente, a sociedade e os costumes da época.

A tradução²¹ a seguir, refere-se à parte inicial de *Takeori Monogatari*:

O agora é passado²², conta-se que havia uma pessoa²³ conhecida como o Velho Cortador de Bambus. Ele embrenhava-se nas matas e, seguia cortando bambus com os quais fabricava diversos objetos. Quanto ao seu nome, era cha-

-
16. Cf. “Lenda do Manto de Plumas” (*Hagoromo Densetsu*) é uma lenda difundida em diversas regiões do Japão, e sua versão mais antiga pode ser encontrada em alguns *Registros das Particularidades Regionais* como *Ômi Fudoki* e *Tango Fudoki*. Na versão mais difundida uma divindade celestial tem o seu manto sagrado tomado por um pescador, durante o seu banho. Ela só consegue retornar ao mundo celestial, depois de reaver seu manto após casar-se e dar à luz a um filho.
17. No alto de um monte, o velho encontra nove jovens que preparavam um cozido. Solicitado para ajudar a soprar o fogo, atende-as prontamente encantado pela beleza das jovens. Ao término da tarefa, as jovens começam a indagar quem teria chamado aquele velho a juntar-se a elas. Inicia-se, então, um diálogo em forma de poema.
18. Coletânea de narrativas *setsuwa* do século XII.
19. Relato de viagem do século XIII registra a viagem realizada pela estrada Tôkaidô de Kyoto a Kamakura.
20. Escritas nos séculos XIII – XIV.
21. A tradução está baseada na edição de: KATAGIRI, Yôichi e outros. *Takeori Monogatari – Ise Monogatari – Yamato Monogatari – Heijû Monogatari*. Tokyo, Shôgakkan, Coleção Nihon Koten Bungaku Zenshû 8, 1972.
22. No original, *imawa mukashi*, “o agora é passado”, expressão idiomática frequentemente presente nas narrativas *monogatari* e narrativas *setsuwa*. Normalmente é traduzida como “Antigamente”, mas preferimos a expressão “O agora é passado”, para diferenciá-la de “*Mukashi*” (Antigamente) ou “*Mukashi, Mukashi*” (Antigamente, muito antigamente), utilizadas nas histórias antigas (*Mukashi Banashi*). Segundo MABUCHI, Kazuo (1958: 79), o “agora” de “O agora é passado” indica o “agora” do momento em que uma pessoa se coloca num tempo do passado. Assim, segundo MIKI Sumito (1974: 111), *imawa mukashi* seria um tipo de senha para que o leitor (ou ouvinte) realizasse uma viagem no tempo através da imaginação.
23. No original, *mono*, que pelo contexto, foi traduzido como “pessoa”.

mado de Sanukino Miyatsuko. Certo dia, ele encontrou entre os bambus, um, cuja base emitia um brilho. Achou estranho e aproximou-se, quando viu que havia brilho no interior do entrenó. Lá, viu uma pessoa de pouco mais de nove centímetros²⁴, sentada graciosamente sobre os calcanhares. “Encontrei-a, pois ela estava no interior de um dos bambus que vejo todas as manhãs e todas as tardes. Devo, naturalmente, adotá-la como filha.” Assim dizendo, colocou-a na palma da mão e levou-a para casa. Entregou-a para a velha esposa, que foi incumbida de sua criação. Nada havia que se comparasse à sua graciosidade. Por ser muito pequena, foi criada dentro de uma cesta.

Depois que descobriu aquela criança, sempre que o Velho Cortador de Bambus cortava e cortava bambus, passou a encontrar bambus que continham ouro em cada um dos entrenós. Assim, o Velho foi se tornando cada vez mais rico.

Enquanto cuidavam da criança, ela crescia a olhos vistos. E como depois de aproximadamente três meses, ela alcançou o tamanho esperado de uma jovem, seu cabelo foi preso em forma de penteado de adulto e fizeram com que vestisse a cauda²⁵, para celebrar a maioridade. Mantinham-na no interior do cortinado de tecido, cercado-a com todos os cuidados. Nada havia que se comparasse à beleza resplandecente daquela criança, cujo brilho iluminava toda a casa sem deixar qualquer recanto na penumbra. O Velho, mesmo nos momentos de indisposição ou sofrimento, bastava vê-la para que tudo se dissipasse. Até mesmo a raiva passava.

O Velho continuou ainda por muito tempo a cortar bambus. Tornou-se, assim, riquíssimo. E como a filha já estivesse bastante crescida, mandou chamar Imbeno Akita de Mimurodo para que lhe fosse escolhido um nome. Akita chamou-a de Nayotakeno Kaguyahime²⁶. Seguiram-se três dias de celebração, com muita festa e diversão. Houve muita música, dança e diversões de todos os tipos. Todos os homens foram convidados, sem qualquer distinção, comemorando-se em grande estilo.

Atraídos pela fama de Kaguyahime, todos os homens do mundo, tanto de alta quanto de baixa posição social, só tinham olhos para ela: “Quero tê-la para mim, quero desposá-la de qualquer jeito!” Vê-la era difícil até mesmo para as pessoas da casa que permaneciam nos arredores do cercado ou no portão da casa, mesmo assim, havia aqueles pretendentes que, mal-dormidos, apareciam na escuridão da noite e, abrindo um buraco no cercado, praticavam o “espiar²⁷”, loucos por vê-la. Desde então, a corte amorosa passa a ser conhecida como yobai²⁸.

24. No original, “*sansun*”, ou “três *sun*”. Antiga medida, cada “*sun*” mede aproximadamente 3,03 cm.

25. Dentre as cerimônias de iniciação à vida adulta da mulher destacam-se o “*Kamiage*”, “prender os cabelos”, quando parte dos cabelos até então partidos ao meio são presos no alto da cabeça, e o “*Mogi*”, “vestir a cauda”, ou o uso de uma cauda plissada chamada *mo*.

26. *Nayotakeno Kaguyahime* significa literalmente “Princesa Resplandecente do Bambu Delicado”.

27. Refere-se a “*kaimami*” que significa “ver através da cerca, espiar”. Na Época Heian, quando as jovens praticamente viviam encerradas em suas casas, a fama de uma mulher espalhava-se através de boatos e o “espiar” era uma das táticas para poder vê-la. A corte amorosa era feita através de recursos como a troca de poemas, a execução de música, a visita noturna.

28. “*Yobai*”, originalmente, é formado pela forma verbal “*yobu*” (chamar) mais a partícula “*fu*” de repetição. Há aqui o jogo de palavras com “*yobai*” que significa “arrastar-se pela noite”.

Taketori Monogatari abre-se, assim, com o Velho Cortador de Bambus encontrando uma minúscula pessoa no interior de um bambu e a transformação dela numa belíssima jovem, em apenas três meses. Assim, a Parte 1 de *Taketori Monogatari* segue, inicialmente, o esquema tradicional – casal de velhinhos e criança de nascimento miraculoso – das histórias extraordinárias da tradição oral como *Issunbôshi* (O Menino de Uma Polegada) ou *Momotarô* (O Menino-Pêssego)²⁹ encontradas em várias regiões do Japão. Diferencia-se, porém, das histórias antigas em diversos aspectos. A figura do velhinho, por exemplo, deixa de ser apenas “um velhinho” anônimo. Ele é o Velho Cortador de Bambus e passa a ter um nome próprio, Sanukino Miyatsuko, que o individualiza. Pode-se considerar o Velho Cortador de Bambus como uma das primeiras personagens “humanas” da Literatura Clássica Japonesa. Sua porção tradicional está no fato de ser o “pai” de Kaguyahime, um ser sobrenatural (*hengeno hito*), e ser o elo entre ela e os demais homens.

Apesar da sua aparência humana, em Kaguyahime, por sua vez, destacam-se as características sobrenaturais: seu nascimento miraculoso, seu tamanho minúsculo, seu rápido crescimento, seu poder de transformar a vida do velhinho. Isso, no entanto, não constitui impedimento para que ela realize a celebração da maioridade e seja cortejada pelos vários pretendentes como qualquer jovem da época. Dessa forma, é celebrada a iniciação à vida adulta, realizando as cerimônias tradicionais do “*Kamiage*” (“Prender os cabelos”), “*Mogi*” (“Vestir a cauda”) e “*Meimei*” (“Batismo³⁰”). Kaguyahime torna-se uma jovem de beleza resplandecente cuja fama espalha-se e atrai pretendentes “de todo o mundo” que não medem esforços para conquistá-la. Em *Taketori Monogatari*, não há mais a “transformação da bela em animais ou seres sobrenaturais”, motivo presente nas narrativas tradicionais do tipo *irui kon'intan* (“histórias de casamento com seres totêmicos”) como *Tsuruno Ongaeshi* (A Gratidão do Grou)³¹. O único momento em que Kaguyahime revela seu aspecto sobrenatural ocorre diante da insistência do imperador em levá-la ao palácio, quando seu corpo praticamente desaparece e ela “torna-se sombra”

Apesar do caráter de exagero, “todos os homens do mundo”, o esquema amoroso segue os padrões da época: a fama que se espalha através do boato, a

29. *Issunbôshi* e *Momotarô* são histórias antigas (*mukashi banashi*) transmitidas oralmente, desde os tempos remotos. *Issunbôshi* é um herói minúsculo (pouco mais de três centímetros) que segue para a Capital, vence a luta contra o ogro, adquire estatura normal e casa-se com a princesa. *Momotarô* é o herói que nasce de um pêssego encontrado por uma velhinha que lavava roupa no rio. Possuía força extraordinária e conquista a Ilha dos Ogros (Onigashima) auxiliado por um cachorro, um faisão, e um macaco. Embora as versões mais conhecidas atualmente tenham surgido na Época Muromachi (séculos XIV-XVI), a origem dessas histórias pode ser encontrada em *Kojiki* (712).

30. Refere-se ao ato de “dar o nome”, sem implicação religiosa.

31. Uma das versões mais difundidas refere-se a um grou que salvo por um jovem, transforma-se numa bela jovem e busca retribuir, confeccionando tecidos com suas penas.

chegada dos pretendentes, e os procedimentos da corte como o “espiar”, o envio de poemas, a execução de música. A total indiferença de Kaguyahime com relação aos pretendentes, no entanto, vem quebrar o esquema tradicional da união entre o homem e o (a) cônjuge totêmico (a).

Conforme Meletínski³², “O casamento com um cônjuge totêmico, no mito e no conto maravilhoso, é normal e exogâmico” (MELETÍNSKI, 1998: 45). Em *Taketori Monogatari*, no entanto, tal procedimento já não se aplica. No mundo da narrativa *monogatari* acompanha-se um gradual distanciamento entre os seres totêmicos ou divinos e os seres humanos³³. A união, portanto, de Kaguyahime com um homem torna-se impossível, diferentemente das narrativas tradicionais em que a união se concretiza, muitas vezes resultando no nascimento de um filho como prova irrefutável dessa união. Assim, na Parte 2 de *Taketori Monogatari*, que segundo alguns autores é a parte onde as características realísticas tornam-se mais evidentes, ressaltando o mundo das narrativas *monogatari*, tem-se o desenvolvimento dos episódios dos cinco pretendentes que buscam em vão conquistar Kaguyahime.

Diante do apelo do Velho Cortador de Bambus que se dizia condoído pelo empenho dos pretendentes, Kaguyahime propõe a imposição de uma “difícil tarefa” para realizar a escolha. Esta proposição das “provações esponsais” segue o esquema tradicional das narrativas antigas, mas diferentemente delas, os “objetos mágicos” que cada um dos pretendentes deveria trazer não podem mais ser encontrados no mundo das narrativas *monogatari*, o que os obriga a fabricá-los ou falsificá-los. Em *Taketori Monogatari* os “objetos mágicos” deixam de ser instrumentos para a realização do “casamento com a princesa” e passam a ter a função eliminatória de todos os pretendentes.

Quanto aos pretendentes, colocados inicialmente como “todos os homens do mundo”, vão sofrendo uma eliminação natural, segundo o critério de seleção baseado no *irogonomi*³⁴. Orikuchi Shinobu foi o primeiro estudioso a estabelecer o significado literário de *irogonomi* como o ideal da vida amorosa e matrimonial da Antiguidade. Segundo ele, *irogonomi* possui raízes no poder real e na religião

32 Cf.: MELETÍNSKI, E. M. Os Arquétipos Literários. São Paulo, Ateliê, 1998.

33. Sobre a questão da passagem de narrativa tradicional para narrativa *monogatari* confira-se: NOGUCHI, Motohiro. “Kaisetsu – Denshōkara Bungakueno Hiyaku”. In: *Taketori Monogatari*. Coleção Shinchō Nihon Koten Shūsei. Tokyo, Shinchōsha, 1979, pp. 87-183 e MASUDA, Shigeo. “Taketori Monogatari kara Genji Monogatari e”. In: *Kokubungaku – Kaishakuto Kyōzaino Kenkyū*, v. 38, no. 4. Tokyo, Gakutōsha, abril de 1993, pp. 88-94.

34. O significado de *irogonomi* foi discutido e teorizado por inúmeros estudiosos: Orikuchi Shinobu, Ikeda Yasaburō, Mitani Eiichi, Nishimura Tōru, Nakamura Shinichirō, Takahashi Tōru, entre outros. Em *Genji Monogatari*, o protagonista Hikaru Genji é considerado o *irogonomi* ideal: o amante fino e sedutor, de apurada sensibilidade, capaz de lidar com cada mulher conforme sua posição social, sua aparência ou sua inteligência, jamais desamparada-a.

da Antiguidade. Para se alcançar a prosperidade do reino que tinha forte ligação com os poderes da divindade, “o meio infalível consistia em desposar as sacerdotisas-médiuns³⁵ mais elevadas que serviam às diversas divindades”³⁶.

Sobre a etimologia de *irogonomi*, “*iro*” teria o sentido de “cônjuge” e “*konomi*” (substantivação da forma verbal “*konomu*”), de “escolha”³⁷, ou ainda, “*iro*” significaria “classe, grau” e “*konomu*”, “escolher conforme o próprio gosto e apreciar”³⁸. Segundo observação de Hinata Kazuo (1995:142), os exemplos de *irogonomi* encontrados na literatura referem-se àquele que aprecia o relacionamento com o sexo oposto, e que em suas conquistas utiliza-se de procedimentos elegantes como o envio de poemas ou a execução de instrumentos.

Os cinco pretendentes de Kaguyahime que se mantêm firmes em seu propósito de conquistá-la são denominados *irogonomi*. Pode-se dizer que na concepção de *irogonomi* em *Taketori Monogatari* destacam-se os seguintes atributos:

1. persistência – enquanto “todos os homens do mundo”, vencidos pela indiferença de Kaguyahime, foram desaparecendo um a um, no final, “restaram cinco conhecidos *irogonomi* que não desistiam e não deixavam de visitá-la noite e dia”;
2. desejo incontrolável de conquista – a narrativa refere-se aos *irogonomi* da seguinte forma, enfatizando o forte interesse pelo sexo oposto: “Como se tratava de pessoas que, ao primeiro boato sobre uma mulher um pouco mais atraente, dentre tantas que existiam, acorriam para conquistá-la, desejavam a todo custo conquistar Kaguyahime (...)”

Os cinco *irogonomi* que lutavam pela atenção de Kaguyahime são: Príncipe Ishitsukuri, Príncipe Kuramochi, Ministro da Direita Abeno Miushi, Alto Conselheiro Ôtomono Miyuki e Médio Conselheiro Isonokamino Marotari. Nota-se também aqui a preocupação em detalhar tanto o nome quanto a posição social de cada um deles, para a criação de um mundo onde é possível reconhecer-se aspectos dos costumes vigentes. Tendo-se em conta que, à época, o imperador era a autoridade máxima, os cinco pretendentes representam a elite nobiliárquica, mas note-se que (com a exceção do imperador) nem por isso são poupados de cometerem mazelas que resultam no fracasso de seus empreendimentos, na busca pelos objetos pedidos por Kaguyahime.

35. Referência a *miko*, sacerdotisas com poderes mediúnicas.

36. Apud HINATA, Kazuo. “Irogonomi”. In: *Kokubungaku – Kaishakuto Kyôzaino Kenkyû*, v. 40, no. 9. Tokyo, Gakutôsha, 1995, p. 142.

37. Cf. HINATA, Kazuo. “Irogonomi”. In: *Kokubungaku – Kaishakuto Kyôzaino Kenkyû*, v. 40, no. 9. Tokyo, Gakutôsha, 1995, p. 142.

38. Cf. NISHIMURA Tôru. “Irogonomi” In: AKIYAMA Ken. *Genji Monogatari Jiten – Bessatsu Kokubungaku*, no. 36. Tokyo, Gakutôsha, maio de 1989, p. 151.

Os episódios dos cinco pretendentes podem ser agrupados da seguinte maneira³⁹:

- Episódios: 1. Príncipe Ishitsukuri e a vasilha de Buda / 2. Príncipe Kuramochi e o galho precioso de Hôrai
 - as personagens são dois Príncipes Imperiais
 - a apresentação dos dois príncipes é semelhante, destacando o caráter pessoal de cada um: o primeiro “previdente”, o segundo, “calculista”
- Episódio 3. Ministro da Direita Abe e a veste antichama de “rato-fogo”
 - como a única personagem Ministro, é o episódio intermediário que fica entre os dois Príncipes Imperiais e os dois Conselheiros
 - destaca-se o seu *status* social e não o seu caráter pessoal
- Episódios: 4. Alto Conselheiro Ôtomo e a gema do pescoço do dragão / 5. Médio Conselheiro Isonokami e a “concha da andorinha”
 - ambos são Conselheiros
 - não há a apresentação dos Conselheiros, iniciando-se o episódio diretamente com o relato dos fatos

Os dois primeiros tentam enganar Kaguyahime, trazendo objetos falsos, o terceiro compra um objeto falso, acreditando ter adquirido o verdadeiro, e os dois últimos acabam não conseguindo encontrá-los. Este cuidado com o detalhamento, esta estruturação elaborada dos episódios referentes aos cinco pretendentes enfatizam o fato de que *Taketori Monogatari* não se encontra baseada somente na tradição oral, mas percebe-se a presença do processo de criação de um “autor”

O universo de *Taketori Monogatari* é formado pela junção de três mundos:

1. mundo desconhecido pelos nobres: é o mundo representado pelo Velho Cortador de Bambus, o interior da mata onde ele vai buscar seus bambus e encontra Kaguyahime, e onde o nascimento extraordinário é possível;
2. mundo da nobreza de Heian: representado pelos costumes da sociedade de Heian (celebração da maioridade e corte amorosa);
3. mundo desconhecido pelo homem: o mundo de Kaguyahime, a Lua, que aparece apenas citado.

Em *Taketori Monogatari*, o “ancestral das narrativas *monogatari*”, já se vislumbra a estruturação de um mundo em que na interação entre homens e seres sobrenaturais se nota uma discrepância, bastante evidente, por exemplo, na seguinte sequência de diálogo entre o Velho e Kaguyahime, quando o Velho Cortador de Bambus, sensibilizado pelo empenho dos pretendentes, procura convencer Kaguyahime a recebê-los:

39. A divisão original de Noguchi Motohiro divide os episódios em dois grupos, segundo a presença ou não da apresentação das personagens. Cf. NOGUCHI, Motohiro. *Taketori Monogatari* (A Narrativa do Velho Cortador de Bambus). Coleção Shinchô Nihon Koten Shûsei. Tokyo, Shinchôsha, 1979, p. 134.

1.(Velho) “*Não sendo filha por mim concebida, não tenho como obrigá-la a me obedecer.*” (Resposta do Velho, diante dos pretendentes que apelam para a sua autoridade como pai)



Não sendo filha de sangue, o velhinho não possui domínio sobre Kaguyahime



A discrepância entre a sensibilidade do Velho e a indiferença de Kaguyahime (o casamento não faz parte dos valores dela) com relação aos pretendentes fica evidente

2 a. (Velho) “*Preciosa filha, ainda que sejais de nascimento sobrenatural, não imaginais com quão intenso amor criei-vos até crescerdes assim. Não ouviríeis o pedido deste velho?*” (Apelo à relação fraternal)

2 b. (Kaguyahime) “*Algo haveria que eu não vos atendesse? Se minha condição sobrenatural eu ignorava e sempre vos tive como meu pai?*” (Aparente devoção filial)

3 a. (Velho) “*Este velho está com mais de setenta anos. Posso morrer hoje ou amanhã. As pessoas deste mundo, os homens unem-se às mulheres e as mulheres unem-se aos homens. E assim, as famílias também prosperam. Por que, então, vós não faríeis o mesmo?*”



– preocupação de pai (casar a filha)

– persuasão retórica baseada nos valores deste mundo (prosperidade, perpetuação da família)

3 b. (Kaguyahime) “*E por que eu teria que fazer o mesmo?*”



O casamento visto como o destino das jovens da época é um valor desconhecido por Kaguyahime

3 c. (Velho) “*Ainda que sejais um ser sobrenatural, tendes a aparência de uma mulher. E enquanto eu aqui estiver, certamente poderíeis permanecer assim, sozinha. Mas peço-vos que pense bem nas propostas destes senhores que a cortejam há tantos anos, e escolhei um deles.*”



Kaguyahime tem a aparência de uma mulher, e assim deve agir

3 d. (Kaguyahime) “Nem bela eu sou, e fico só a pensar no meu arrependimento, caso venha a me casar sem nem mesmo conhecer a intensidade do sentimento do outro, e acabar sendo abandonada. Eu acho que, mesmo em se tratando de pessoas ilustres, não devo me casar sem antes conhecer seus verdadeiros sentimentos”



referência à condição de insegurança da mulher no sistema matrimonial poligâmico⁴⁰ vigente na época

No mundo das narrativas *monogatari*, assim como não existem mais “objetos mágicos”, a união entre o homem e um cônjuge totêmico torna-se impossível, até mesmo para o imperador que nada pode fazer diante do poder sobrenatural da comitiva que leva Kaguyahime de volta ao mundo celestial. Se os mitos tratam da “Idade dos deuses” e as narrativas tradicionais, da “Idade dos seres sobrenaturais”, pode-se dizer que com as narrativas *monogatari* a literatura inaugura a “Idade dos homens”, onde o foco central passa a ser o mundo da sociedade de Heian e os dramas humanos que lá se desenrolam.

Essa tendência alcança o auge com a obra *Genji Monogatari* onde a autora Murasaki Shikibu narra a existência do príncipe Hikaru Genji, do seu nascimento até a sua morte, através de seus relacionamentos com mulheres da sociedade de Heian. Descrito como possuidor de beleza resplandecente, inteligência extraordinária, elegância e sensibilidade sem igual, Genji seria a encarnação do *irogonomi* ideal, quase um ser divino e sobrenatural não fosse ele filho de um imperador com sua consorte preferida.

Genji Monogatari possui uma intrincada trama, envolvendo centena de personagens. A autora faz uma descrição minuciosa sobre a personalidade de cada uma das personagens, detalhando seus pensamentos, sua aparência física e até mesmo o seu vestuário. Pode-se dizer, assim, que a Literatura *Monogatari* da Época Heian tem início com *Taketori Monogatari* e o seu mundo fantasioso-realista, e alcança o ápice com *Genji Monogatari*, que busca relatar aspectos da Corte de Heian, destacando os questionamentos, os conflitos, as angústias, os medos ou as alegrias dos homens e das mulheres que lá viveram.

40. Na Época Heian, embora o homem tivesse apenas uma esposa oficial, na prática vigorava a poligamia, pois a sociedade permitia-lhe possuir outras mulheres. Essa forma matrimonial era chamada “*ipputasai*” ou “um marido e diversas mulheres”

Referências bibliográficas

- FUJII, Sadakuzu. *Monogatari Riron Kôgi* (Conferências sobre Teoria da Narrativa). Tokyo, Tôkyô Daigaku Shuppankai, 2004.
- MABUCHI, Kazuo. “Setsuwa Bungakuo Kenkyûsuru Hitono Tameni” (Para os Pesquisadores da Literatura *Setsuwa*). In: *Kokubungaku – Kaishakuto Kyôzaino Kenkyû* (Literatura Japonesa – Interpretação e Pesquisa de Material), nov., 1958, pp.79-84.
- HINATA, Kazuo. “Irogonomi” (*Irogonomi*). In: *Kokubungaku – Kaishakuto Kyôzaino Kenkyû* (Literatura Japonesa – Interpretação e Pesquisa de Material), v. 40, n.º 9. Tokyo, Gakutôsha, 1995, pp. 142-143.
- KATAGIRI, Yôichi e outros. *Taketori Monogatari – Ise Monogatari – Yamato Monogatari – Heijû Monogatari* (a Narrativa do Velho Cortador de Bambus – As Narrativas de Ise – As Narrativas de Yamato – A Narrativa de Heijû). Tokyo, Shôgakkan, Coleção Nihon Koten Bungaku Zenshû 8, 1972.
- KANNOTO, Akio. “An Outline History of Narrative Tales and One Aspect of the Development of Early Narrative Tales” In: *Acta Asiatica*, 83. Tokyo, The Tôhō Gakkai, 2002, pp. 1-17.
- MASUDA, Shigeo. “Taketori Monogatarikara Genji Monogatarie” (Das Narrativas do Cortador de Bambus para a Narrativa de Genji). In: *Kokubungaku – Kaishakuto Kyôzaino Kenkyû* (Literatura Japonesa – Interpretação e Pesquisa de Material), v. 38, no. 4. Tokyo, Gakutôsha, abril de 1993, pp. 88-94.
- MELETÍNSKI, E. M. *Os Arquétipos Literários*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini, Homero Freitas Andrade e Arlete Cavalieri. São Paulo, Ateliê, 1998.
- NOGUCHI, Motohiro. *Taketori Monogatari* (A Narrativa do Velho Cortador de Bambus). Coleção Shinchô Nihon Koten Shûsei. Tokyo, Shinchôsha, 1979.
- ÔNO, Susumu. *Nihongo Sakanoboru* (Buscando as Origens da Língua Japonesa). Tokyo, Shinchôsha, 1975.
- SUMITO, Miki. “Imawa Mukashi” (O Agora é Passado) In: MIKI, Sumito e outros. *Kenkyû Shiryô Nihon Koten Bungaku – 3 Setsuwa* (Estudos sobre Literatura Clássica Japonesa – 3 Narrativas *Setsuwa*). Tokyo, Meiji Shoin, 1984, p. 111.
- SUZUKI, Kazuo. “Kaisetsu – Monogatari Bungakuno Keisei” (Análise – Formação das Narrativas *Monogatari*). In: KATAGIRI, Yôichi e outros. *Taketori Monogatari – Ise Monogatari – Yamato Monogatari – Heijû Monogatari* (A Narrativa do Velho Cortador de Bambus – As Narrativas de Ise – As Narrativas de Yamato – A Narrativa de Heijû). Tokyo, Shôgakkan, Coleção Nihon Koten Bungaku Zenshû 8, 1972.

Dicionários

- NIHON KOTEN BUNGAKU DAIJITEN HENSHÛ IINKAI(Org.). *Nihon Koten Bungaku Daijiten* (Dicionário de Literatura Clássica Japonesa). v. 6. Tokyo, Iwanami Shoten, 1985.

- NISHIMURA, Tôru. “Irogonomi” (Irogonomi). In: AKIYAMA Ken. *Genji Monogatari Jiten – Bessatsu Kokubungaku* (Dicionário sobre *Genji Monogatari* – Edição Especial de Literatura Japonesa), no. 36. Tokyo, Gakutôsha, maio de 1989.
- SHINMURA, Izuru (Org.). *Kôjien* (Dicionário Kôjien). Tokyo, Iwanami, 1995 (4ª ed.).
- SHIRAISHI, Daiji e outros (org.). *Koten Dokkai Jiten* (Dicionário de Literatura Clássica Japonesa). Tokyo, Tôkyôdô Shuppan, 1966 (19ª ed.).